

Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano  
Artigos Seção Dossiê IV Seminário Mídia e Cotidiano  
Número 1. 122-137 janeiro/abril 2013  
© 2013 by UFF

**AS IMAGO-IMAGENS DA INTERNET EM SUA ROTA  
HISTÓRICA: o Homem Hipermoderno e Seu Olhar Nada Inocente.  
Uma Viagem entre tempos.**

**The Imago-Images of the Internet in its Historical Route: The  
hypermodern Man and His Nothing Innocent Look.  
A Journey between times.**

ANA PAULA PERISSÉ<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo procura-se articular a nova relação das imagens que circulam na internet (imagens técnicas, consideradas aqui, pelo constructo teórico das imago-imagens) com as várias possibilidades de modelagens identitárias do homem hipermoderno. Para tanto, compreendemos que o homem atual se desvela, dentre vários caminhos epistemológicos, através de sua vivência imagética no mundo real assim como por suas relações com o mundo real/ analógico e vice-versa. Tal interação intelecto-cognitiva-existencial entre estes dois mundos, que se modifica em velocidade frenética e furiosa, nos concede uma possibilidade de rica reflexão por meio do estabelecimento de um novo status das imagens que circulam neste não-lugar, ainda assim muito presencial, dialeticamente, em demasia. Parto do princípio que as imago-imagens são resultado da prática sócio-estética que se estabelece na internet e que já acontece há séculos numa espécie de arena histórica. Vivemos numa sociedade de amálgama visual intenso e a formação do sujeito desta prática reside neste ponto de

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Psicologia Social (UERJ), Publicitária (PUC-Rio), MBA em Marketing (PUC-Rio), Candidata do CEAFRS do Círculo Brasileiro de Psicanálise- Seção Rio de Janeiro. [anapperisse@yahoo.com](mailto:anapperisse@yahoo.com)

extrema volatilidade: Compreendidas como mediações entre o homem e o mundo, as imago- imagens são o grande ponto de inflexão, aquele que possibilita entender sob que novas formas as relações do humano com a técnica e as novas tecnologias, o novo saber fazer humano, vão convocar novas *atualizações* estéticas. Uma imagem, porém, nunca se apresenta sozinha. O criador e sua criatura se inserem num jogo de forças que estará sempre presente na sociedade; faremos também, em corolário, uma reflexão teórica sobre a imagem em diferentes momentos históricos a fim de entender algumas características deste novo sujeito e se somos todos seus detetives-decifreadores e construtores de sentidos e de imagens para a constituição da vida.

**Palavras-chave:** hipermodernidade; estética; novas tecnologias.

**Abstract:** This article intends to articulate a new relationship of the images which circulates on the internet (technical images and considered here, through the theoretical construct of the imago-images) with the various possibilities of modeling hypermodern man's identity. Therefore, we understand that today's man is revealed, among several paths epistemological, through his experience in the real world imagery as well as its relations with the real world / analog and vice versa. Such intellectual-cognitive-existential interaction between these two worlds, that changes in furious speed, gives us a rich possibility for reflection through the establishment of a new status of the images that circulate in this non-place that has too much presence in a dialectical way. For this purpose, I assume that the imago-images are a result of socio-aesthetic practice that is established on the internet and that has been happening for centuries in a kind of historical arena. We live in a visual society of intense amalgamation and the individual formation through this practice is extremely volatility. Understood as mediators between man and the world, the imago-images are the big turning point that enables understanding the human and his relation with the technique and the new technologies. The new human know-how calls for a new aesthetic updates. An image, however, never appears alone. The creator and his creation are part of a power game that is always present in society: in consequence, it is also done a theoretical reflection on the image at different historical moments. I try, therefore, to understand some features of this new subject and he constitutes meanings for his life.

**Keywords:** hypermodernity; aesthetics; new technologies.

## Introdução

Compreender o homem, na atualidade, ainda é um desafio. Sempre o foi, e para sempre o será, uma vez que o humano e suas múltiplas possibilidades de

subjetividade as quais se revestem em novas e aceleradas modelagens é o campo de mutação que justifica a existência deste trabalho.

Esse mistério ainda vívido, o da sua existência, pode ser desvelado em partículas pequenas, todavia eloqüentes, a partir da criação de uma teoria estética das novas imagens que circulam pela internet.

O sujeito atual, o *homo virtualis* hipermoderno, se descortina aqui, através de sua vivência imagética no mundo virtual assim como através de suas relações com o mundo real/analógico e vice-versa. Tal interação intelecto-cognitiva-existencial entre estes dois mundos, que se modifica em velocidade frenética e furiosa, nos concede uma possibilidade de rica reflexão por meio do estabelecimento de um novo status das imagens que circulam neste não-lugar, ainda assim muito presencial, dialeticamente, em demasia.

Parto do princípio que as imago-imagens são um resultado da prática social-estética que se estabelece na internet.

São eles mesmos atos óticos uma vez que a internet aqui é compreendida como uma prática estética. Prática que está envolvida, naturalmente, com as suas outras: lúdicas, técnicas, sociais, econômicas; corolárias todas desta primeira. Vivemos numa sociedade de amálgama visual intenso e a formação de quem é o sujeito desta prática reside nesse ponto de extrema volatilidade. A imagem, ela mesma, é entidade que nos olha e é por nós olhada... sem nenhuma inocência.

As mediações entre o homem e o mundo, as imago-imagens são o grande ponto de inflexão, aquele que possibilita entender sob que novas fôrmas as relações do humano com a técnica e as novas tecnologias, o novo saber fazer humano, vão convocar novas atualizações estéticas.

Roubo do latim a palavra imago que significa imagem, representação, retrato (pictórico, escultórico, plástico, verbal) que vai se configurando pela sofisticação do ato de ver virtualmente, da técnica ao conceitual, às menores partículas da imagem que não são do registro da realidade porosa: o pixel. Um movimento de aprendizagem que se expande num *continuum* de novas apreensões, que exige de nós, usuários, *personas* em seus duplos, a virtude da imaginação, positiva ou negativa, num processo

dialógico entre *minus* ou mais. Parece-me que uma imagem sem imaginação não existe. Daí imago-imagens, *constructo* que coloca esta amizade leal em potência novíssima na história dos estudos da estética.

Imagens são mediações entre o homem e o seu mundo, sua fôrma de estar nele e senti-lo decodificado/ traduzido; portanto, a imaginação é um ato de pensar por imagens.

Nesta rota imagética-imaginativa, o objetivo (necessariamente embaçado, uma vez que um foco sob uma determinada experiência não se mantém por muito tempo no contexto hipermoderno, convocando por contínuos ajustes ou *upgrades*) deste artigo é estudar se certo imaginário<sup>2</sup> estético que transita na hipermodernidade<sup>3</sup> e como tal, entranhado neste artigo-imagem, é capaz de desvelar nuances de significados de uma época: um momento no tempo onde a técnica ocupa lugar de destaque na constituição de novos modos de ser e de estar no mundo, quando a utopia parece se desvanecer ou reconfigurar-se em novas modelagens imaginativas e o desfile de imagens e palavras, incessante numa velocidade brutal, beira a produção de novos sentidos.

A imago-imagem revela o estatuto da técnica na contemporaneidade assim como a sua relação com o homem. A imagem é, ao mesmo tempo, convocada pelas técnicas do homem e neles é uma grande provocadora de novas modelagens. Investigaremos tal mistura.

Na verdade, cabe-me agora ressaltar ou justificar que as imago-imagens capturadas na internet e que povoam este artigo, para traçar com mais clareza a idéia-força motriz deste, as imagens técnicas ou tecno-imagens estudadas por Vilém Flusser (2008) são imagens de uma era pós-escrita composta de grânulos, pontos ou pixels e não mais de planos ou superfícies. É da dimensão do nulodimensional, onde tudo vai

---

<sup>2</sup>“Imaginário é uma constelação de imagens recorrentes, com uma cristalização maior que a sensibilidade” (LOPES,1999,p.47). Na esteira deste pensamento, imaginário, neste artigo, é compreendido como um arcabouço existencial da humanidade, representado dentre várias formas, e que é “acessado” longe dos métodos cientificistas e historicistas.

<sup>3</sup> Compreendo os tempos atuais como tempos hipermodernos nos termos de Lipovetsky (2004), onde “longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a morte desta, numa individualização galopante” (idem, p. 53). Nesse contexto caracterizado pelo autor, “as esferas mais diversas são o *locus* de uma escalada aos extremos, entregues a uma dinâmica ilimitada, a uma espiral hiperbólica.”.

tender a um grau zero de dimensão porque feita de pontos e ampliadas ou reduzidas de acordo com outra forma de criar tamanhos sem corporeidades, apenas com a vontade programada de um humano programador. São essas imagens que sintetizam a dinâmica de nossa sociedade, segundo este filósofo, engendrando uma nova disposição existencial dos (tecno) humanos já que vivem uma espécie de continuidade hipermoderna de novas categorias de espaço, tempo, sociedade, cultura.

Acredito que para melhor capturar a dimensão do nulo, do que está entre, mediado pelas operações matemáticas que criam estas imagens e que não nos damos conta, um grande *gap* de interpretação que gera um novo tipo ou predisposição perceptiva, a fórmula (desformulada) de um ensaio é a que mais se aproxima dessa nebulosa algorítmica-hipervisível.

A esta escala de abstração é que vamos somar nossos esforços e descobrir quem está a fazê-las e a senti-las, as imagens que circulam a partir de programas calculados, mas que, de alguma maneira, interagem com as imagens tradicionais do mundo real, colocando-as num novo estatuto. Decifrar as imago-imagens não se constitui apenas num exercício de conhecer um programa de computador, sobretudo é uma tarefa de tradução que aponta para a visão do produtor e do receptor, em consonância, suas ideologias perpassadas num caminho amalgamado entre virtual/real. Somos todos também neo-programadores, gostaria de alertar.

A internet é um espaço de interrogações, acontecimentos, novas modelagens, lutas, perdas e ganhos. Sociais, políticos, estéticos, existenciais. Capturar partes destas temáticas para transformá-las numa espécie de teoria estética das imagens síntese, as imagens que circulam via *bites* e anulares humanos em teclados digitais-ergonômicos, é parte desta composição teórica.

As imagens que são sínteses de algoritmos matemáticos escondidos de nós, não especialistas, a quem este trabalho é endereçado. Tais imago-imagens são uma constelação conflituosa de outras imagens a ela recorrentes, em dobraduras, não tão material quanto as fórmulas que a produzem, mas imaterial no termo em que rompe a linearidade temporal e nos recoloca num campo de novas possibilidades e metáforas. O conflito, a estranheza e a extravagância são-lhe formas perfeitas. As sínteses se

multiplicam criando novas espirais hiperbólicas, aceleradas e instantâneas a rondar o homem-usuário e seus múltiplos modos de vida. Para melhor entender a rota ou viagem a que toda imago-imagem foi e é submetida, estabeleço determinadas categorias explicativas ou protocolos, aqui aparecendo como uma “metáfora médica”, um método protocolar que deve ser entendido de perto para melhor entendimento do estatuto das imago-imagens e sua relação ontológica com o homem hipermoderno. Encontros do hoje com o outrora.

### **Leitor macedoniano é o usuário moderno ou o *homo-virtualis* hipermoderno , uma nova faceta do sujeito atual**

O conceito de “leitor salteado” foi criado por Macedonio Fernandez<sup>4</sup>, nos anos 20, no “Museo de la Novela de la Eterna”. Ali, o autor estabelece uma série de categorias de leitores. Entre eles, esta acima referenciada, é um retrato do leitor atual, que já não é aquele que está isolado, concentrado e lutando contra a interrupção. Mas sim que entra e sai do texto, se move, interage com o que está ao redor, vai de um livro a outro ou a outros textos mais rápidos que lhe surgem pela internet. É um leitor que assume a interrupção como parte da narrativa. Este autor captou o processo que ia se desenvolver e que levaria à fragmentação da experiência da leitura, que supõe um corte com a lógica linear da significação. Isso não seria algo negativo, a princípio, mas um novo tipo de situação de leitura.

O conceito macedoniano de leitor salteado é-nos importante porque tal representação remete à idéia de um decifrador-devorador de imagens a ele, intimamente, correlato. O indivíduo da hipermodernidade se insere nesta categoria da aleatoriedade fragmentária barroca como leitores e devoradores de palavras, imagens e velocidades informacionais. Tradutores.

O salteamento macedoniano do leitor, seja analógico ou em sua potencialidade “usuária-desktopiana”, carrega em seu bojo pregnâncias benjaminianas porque remete imediatamente à profunda transformação da estrutura estética ora em

---

<sup>4</sup> Não lhes disse ainda que Macedônio foi o grande mentor intelectual de Jorge Luis Borges?

curso, temática tão cara a este autor. Em *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*, Benjamin (1996) reflete sobre a perda da experiência estética, acontecimento cerca século XIX, onde tudo que acontece está em Paris. Nesse tempo e lócus de passagem, o poeta não pode mais contar com a capacidade de concentração e vontade de seu leitor. Este parece saltar frente a inúmeros estímulos, dispersos que estão e intensamente conectado aos prazeres sensíveis e ao *spleen*. Na modernidade, os indivíduos transitam do genérico para a partícula, nunca ínfima. A recepção da escrita, da lírica (em particular) e das imagens sofre com o nervosismo do homem moderno e este também com a experiência da perda. O que será que foi perdido? Estaremos longe da comunicação–narrativa para a sensação mimética de decodificação da informação virtualizada em sítios, *blogs* e outros nevoeiros afins?

Aqui, somos todos renunciantes, pesquisadora e leitores, tradutores saltados. Saltos vívidos ao utilizar os códigos da linguagem, porque ela é um *medium* de liberdade, aprendo com Benjamin em sua primeira teoria da linguagem de 1916. A linguagem que não é uma via de mão única porque todo receptor (saltado) produz um novo sentido e esta, como *medium* em sua própria condição, transporta em si, em imagens, todo o significado do mundo (a ser desbravado em ondas, pelo humano).

O novo pode aparecer através de uma neo- interpretação/ tradução a partir de um mesmo cenário. Há uma promessa em cada imagem e em cada sentença uma vez que o *flâneur* abraça o desejo de traduzir o silêncio da topografia de *sites* (novos lugares) para uma linguagem conceitual inteligível a todos que vivem no *borderline* destas experiências realísticas e virtualísticas.

Nesse sentido, podemos manter a tradição (da riqueza da experiência estética) apenas reatualizando significados ao reconhecer as novas (neo<sup>5</sup>) condições da aventura (estética ou não) humana.

O *flâneur* atualizado conhece muito bem os meandros da magnitude de surfar por ondas da internet quando a abertura das fronteiras geopolíticas torna-se uma e os capitais (financeiros, culturais, vivenciais) parecem disseminar aquilo que lhe

---

<sup>5</sup> Neste artigo vou utilizar o prefixo neo para dar conta das novas condições do humano, no cenário hipermoderno, as quais vão conchamar por atualizações no sentido benjaminiano a fim de serem compreendidas em seu amplo espectro de significados.



mantinha vivo. A experiência autêntica está muito longe de sua aura há muito perdida, como veremos a seguir. Aqui, ninguém é ingênuo...

Uma imagem como pode ver, nunca se apresenta sozinha. O criador e sua criatura se inserem num jogo de forças que estará sempre presente na sociedade. Tento, portanto, responder quem é este novo sujeito e se somos todos seus detetives-decifradores e construtores de sentidos para a vida. A metodologia que possibilitar-me, esta caminhada é uma imersão vivencial no ambiente cibernético, uma espécie de etnografia virtual constante, assim como algumas conversas presenciais ou não e constantes visitas e análise de blogs. Diante deste manancial, pesquisadora e sujeito se hibridizam em novas formas de ser e estar neste mundo e, de onde, emergem, naturalmente, inéditas reflexões.

A imagem atual sofre, necessariamente, uma longa viagem, rumo ao neodestino da internet.

Só se mantém a tradição e a experiência estética daí decorrente sem o perigo de sermos “engolidos” pela modernidade atualizada (a hipermodernidade) se realizarmos este movimento contínuo de atualizações emancipatórias através desta dança entre tempos. Veremos mais a seguir.

### **A imagem como crítica do mundo: de Aby Warburg, Benjamin a Didi- Huberman. Somos todos seus detetives históricos-decifradores imagéticos.**

Abraham Moritz Warburg (1866-1929) nascido em Hamburgo, era filho primogênito de uma família de banqueiros judeus. Abriu mão de sua sucessão à frente de um dos negócios mais lucrativos do mundo para dedicar-se a seus estudos.

Foi certamente um dos últimos eruditos ou intelectual *full time*... E é ele que nos remete, com seu manancial teórico, à idéia da invariável viagem de toda imagem.

Em 1923, ao tentar provar, numa famosa conferência que pronunciou na clínica psiquiátrica de Kreuzlingen, onde esteve internado durante cinco anos, que já estava em boas condições mentais para obter alta, Warburg fala de seu estudo de campo



sobre o “ritual da serpente” dos Índios Pueblo, no Novo México, que tinha conhecido vinte e oito anos antes, numa viagem aos Estados Unidos.

A serpente é uma divindade do clima e o índio devoto invoca a tempestade e a todas as suas particularidades positivas que deste “saber fazer” (*techné*) advém. Através de práticas mágicas, ele manuseia serpentes vivas e venenosas uma vez que na estética *puebla* a serpente remete à magia do relâmpago, a um aproximar-se do ritmo do tempo, tal como uma resposta simbólica à indagação primordial sobre morte, destruição e sofrimento.

Warburg vai então associar como o paganismo primitivo dessa tribo perpassa pelo paganismo da Antiguidade clássica e chega até hoje, ao homem (hiper)moderno, sob a forma de *Nachleben*<sup>6</sup>, como se um símbolo primordial se metamorfoseasse naquele simbolismo que existe no pensamento e que vai se espalhando até os dias de hoje. Uma viagem da imagem quando as sombras ou entulhos são reatualizados pela vontade humana, dentro de seu contexto histórico-social, naturalmente; todavia e ainda assim, uma viagem recorrente de símbolos no suporte temporal da imagem, um amálgama de estruturas sintomáticas de Georges Didi-Huberman (2002).

A história da cultura, mostrada em imagens, em símbolos, em monumentos que sobrevivem à história efectiva, apresenta-se, assim, para ele, como um processo de conquista (nunca finalizado, nunca obtido de uma vez por todas) deste *Denkraum*<sup>7</sup> que é o resultado do confronto entre os pólos da realidade e da abstracção, da religião e da lógica, da prática mágico-religiosa e da visão matemática do mundo. (GUERREIRO, 2010)

É necessário, portanto, tentar de relance ou em *insights* acompanhar/compreender a rota das imagens em sua migração ontológica, em seu deslocamento geográfico e histórico, porque elas permanecem numa espécie de tensão energética, uma vida em movimento cujos traços estão inscritos na memória da humanidade. É através destas tensões que podemos compreender que o passado não é um fim, uma definição

---

<sup>6</sup> Vida póstuma; em minha aceção, aquilo que sobrevive na imagem, o reinado dos significantes e símbolos.

<sup>7</sup> *Thinking space*, uma espécie de intervalo entre pólos opostos (a oposição entre magia e lógica, conciliada, por um momento e nunca de maneira definitiva, no pensamento).

que se foi, mas que ainda reina em suas atualizações quebrando o *continuum* da história por entre abismos, uma discussão entre tempos promovida pela dança das imagens.

Warburg utiliza, portanto, a idéia de sintoma nesta sua grande percepção do próprio conceito de história fundamentado na teoria de memória social e coletiva, importante influência do historiador Jacob Burckhardt<sup>8</sup>. É através da história pensada como uma lacuna a revolver-se em ondas benjaminianas e não mais como um fichamento linear de acontecimentos em direção a uma possível evolução, que vão aparecer, muito bem elaboradas em 1893, em seu estudo seminal sobre o Nascimento de Vênus e a Primavera, duas das mais famosas pinturas do renascentista Sandro Botticelli. Ao analisar a repetição das antigas formas de expressão, de movimentos nas obras deste artista, Warburg destaca que estes gestos, esta mímica está impregnada de um determinado *pathos*<sup>9</sup> que migra de tempos em tempos na história da humanidade.

Esta migração da sensibilidade pode ser acompanhada através da errância estética que nos regressa na forma de sintomas e de *Nachleben*, como já vimos, fenômenos que nos acompanham (muitas vezes recalçados e que também nos faz pensar numa psicologia estética necessária para compreensão da expressão do humano no mundo) desde a aparição da oportunidade de análise do ser humano em decodificá-los

---

<sup>8</sup> Importante ressaltar que Benjamin não compreendia a história como uma categoria coletiva e sim como um grande pedaço de bolo, em partes, onde, nalgum lugar, existiria uma verdade a ser desvelada, atualizada, que nos chegaria em rastros, **imagens**, detalhes; há uma *potentia* na memória assim como na idéia de memória involuntária de Proust, onde ela é o sujeito e o homem, um objeto sendo “acionada” involuntariamente, dentre outras formas, pela emissão de ecos do passado no futuro. Ainda aqui também vale ressaltar a idéia muito presente em Benjamin, quando em seu livro das Passagens, ele analisa a idéia de Ideal na obra de Baudelaire. Nela há a presença de uma memória individual que se realiza no conjunto da memória da sociedade: o ideal que é perpassado, através da narração, de geração em geração; assim se faria o verdadeiro contato com o passado a partir de uma experiência estética verdadeira, distante do Spleen, que caracteriza a perda dessa mesma experiência. Esse contato seria atualizado pelo lirismo das “correspondências” em Baudelaire quando se manteria vivo o sentido dos diferentes tempos da história. Para Warburg, a idéia da teoria social está mais relacionada à sua concepção de história como uma memória errática de imagens, necessariamente coletivas, que vão ser atualizadas de acordo com as tensões de cada época. Há uma convergência aqui entre Benjamin e Warburg no que concerne ao nomadismo das imagens, apenas a fôrma é que difere em sua apresentação; como pesquisadora, portanto, há um dever a ser cumprido e revelado: o das correspondências pelo menos filosóficas.

<sup>9</sup> “Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão (*pathos*), relativo ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça” (DESCARTES apud LEBRUN, 1987, p. 17). Do agir e do padecer há uma idéia de potência ou de movimento que parece caracterizar o significado de *pathos* e que me parece estar em sintonia com a idéia de Warburg: algo do ser humano que fala de sua humanidade, suas paixões e empatias que brotam no corpo e se fazem na ação humana ao longo da vida.

através da observação da imagem. Há uma memória errática que nos ronda e que nos conclama por desvelamentos através de sua forma imagética.

Em 1905, Warburg escreve detidamente sobre a relação entre Dürer e a Antiguidade italiana a partir de uma análise de uma de suas obras, um desenho do artista representando a morte de Orfeu, inspirado numa gravura anônima do atelier de Mantegna. Neste momento, ele vai se debruçar sobre a idéia de como este retorno do *pathos* acontece ao estabelecer uma nova categoria para se compreender a imagem, a idéia de *pathosformeln* (uma fórmula do *pathos* em tradução literal) e a existência de polaridades que agravam a tensão, uma espécie de conflito entre passado e futuro, entre as imagens e que possibilitam sua aparição:

[...] a linguagem que utiliza é aquela que fala de “*pathos* heróico e teatral, “expressão física intensificada, “vida em movimento” e “vida mimicamente intensificada”. Abre-se aqui uma questão importantíssima que é a da descoberta de uma dimensão dionisíaca do Renascimento, oposta à visão habitual de um Renascimento apolíneo, onde triunfa a ordem, a clareza, a harmonia. (GUERREIRO, 2010)

Tais dimensões que co-existem em tensão no circular da história é que também, por exemplo, vão colocar em cena a dimensão da reflexão do pensamento quando Warburg analisa *Melancolia* do mesmo Dürer, indo um pouco além da leitura tradicional de uma possível manifestação do lado obscuro da vida, tão-somente.

Este conceito warburgiano é fundamental para compreendermos a emergência das imago-imagens de hoje, imagens técnicas de Flusser e sua relação com o homem hipermoderno. Cada época vai, de acordo com seu chamamento e de sua querência, atualizar o material mnemônico, em camadas, é bem verdade, através de sua simbologia particular(*pathosforml*). E esta atualização vai se dar através da tecnologia que se encontra disponível e desenhada amiúde pelo fazer humano.

A imagem para Warburg apresenta um tempo imemorial, pretérito talvez, mas que se direciona fora da linha de uma sucessão evolucionista, quando é atualizada a partir da aparição de seus sintomas os quais vão nos dizer muito sobre como esta imagem se insere em determinado tempo histórico através da apuração sensorial e cognitiva de seu *pathosformeln*. Atualizando o quê lemos, sentimos e apreendemos, seja

através de qualquer *medium* ao longo da história, e descobrindo sintomas nas imago-imagens que circulam pela internet, podemos observar muito do humano que está a criar ou re-criar imagetivamente sua história (necessariamente coletiva) através da manipulação/*expertise* das novas tecnologias.

Cada época seleciona e elabora determinadas Pathosformeln, de acordo com suas necessidades expressivas, regenerando-as a partir da sua energia inicial. Em contato com a “vontade seletiva” de uma época, elas se intensificam, reativam-se, carregam-se de um significado que entra em conflito com seu pólo oposto (GUERREIRO apud RAMOS, 2007).

Há, portanto, uma grande idéia de Correspondência onde todas as coisas escritas escondem imagens dessas mesmas coisas; no entanto, estas semelhanças só acontecem em momentos de *Kairós*, a temporalidade de Deus que não pode ser medido pelos homens, aquele que rompe com a linearidade de *Chronos* e o impede de devorar seus filhos. É relacionado a um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece, tal como um clarão que rasga o céu e que extrapola o tempo cronológico da modernidade.<sup>10</sup> Estas Correspondências, atualizadas em tempos cruzados, formam exatamente um jogo de forças oculto que nos revela como as imagens se inter-relacionam com os novos ambientes virtuais e os tempos de outrora de nossa atual realidade.

Surge a partir de exatamente aqui, ainda mais latente neste artigo, como o manancial dialético das imagens em Benjamin colide com os sintomas warburgianos na esteira desta temporalidade em ruínas, fragmentos que acolhidos pelo usuário-decifrador atual leva-nos de volta ao caminho de um sentido. O sentido de ser e estar em tal mundo. Uma possível redenção.

---

<sup>10</sup> Interessante relacionar *Kairós* com o “tempo saturado de ágoras” (BENJAMIN, 1996, p.229) que faz explodir o continuum da História no momento necessário (oportuno) da ação revolucionária. “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nessa caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.”(BENJAMIN, 1996, p. 223) Assim como o flâneur-tradutor que decodifica, em vários tempos, aquilo se esconde por detrás de uma imago-imagem .

Os restos da História podem ser compreendidos como sedimentos em camadas virtuais e constelares nas imago-imagens.

A partir desses novos lugares, encontros estéticos que se fazem através de *pixels* e de programas de computador que elaboram a pleora de imagens que nos cerca, a emergência involuntária de uma significação está à beira de ser atualizada. A escolha de um possível caminho, convocado pelo imbricamento homem-técnica, é que vai definir seu potencial incendiário ou nada emancipatório. As imago-imagens trafegam dialeticamente, de forma imemorial, nesta trajetória dual. Acordar do sono racional pleno de virtualidades ou não.

Portanto, o isolamento narcísico<sup>11</sup> (LASCH, 1983) hipermoderno também vai apresentar diferentes *upgrades* (chamamentos técnicos e vice-versa) e matizes (chamamentos históricos e vice-versa) em suas neo-aparições.

A mudança do nosso olhar, em função de nossa inserção histórica-social, em consonância com nossa relação simbólica com a técnica, é exatamente aquele elo que traz ao invisível sua chance de aparecimento.

*Atualizar*, (escrito agora com esta grafia e com determinado propósito) o termo mais utilizado neste artigo, está intimamente relacionado ao sintoma que se mostrará de uma forma ou de outra, de acordo com o manejo do humano, sua facilidade ou dificuldade, ou ambas, que fará apresentar uma imagem (antiga, é bem verdade, mas com o novo em seu bojo e, aqui, o potencial criativo do homem contemporâneo também pode se revelar como uma emancipação) e sua respectiva representação do humano.

**Conclusão: A imagem que a humanidade lê é aquela que nos é dita pela história.  
De que forma?**

---

<sup>11</sup> Parece-me que O homem hipermoderno seria um pouco narcisista numa concepção não psicanalítica, cumpre ressaltar. Como afirma Lasch em seu “Cultura do Narcisismo”(1983) um sujeito “não perseguido pela culpa, mas pela ansiedade” e cuja grande vontade é encontrar um sentido para a vida. Uma vez “liberto das superstições do passado, desta culpa freudiana, “ele duvida até mesmo da realidade de sua própria existência.” (p.14). Em sua efêmera superfície, é tranquilo e tolerante, todavia vê-se privado da segurança e de pertencimento a algum grupo mais duradouro..” e considera os outros como rivais [...]. Ferozmente competitivo em seu desejo de aprovação e reconhecimento [...] Ganancioso, no sentido de que seus desejos não têm limites, ele não acumula bens e provisões para o futuro, [...] mas exige imediata gratificação e vive em estado de desejo, desassossegada e perpetuamente insatisfeito.” (idem, 1983, p. 15)

A imago-imagem é corolária e também caudatária destes dois grandes projetos históricos: a rota da técnica, desde a *techné* grega às novas tecnologias e o caminho da arte, desde a rupestre até as que circulam pela internet através de suas atualizações.

... quem, portanto, será hoje o Homem-Decifrador das Neo- Atualizações, o homo-virtualis hipermoderno?

A percepção e a produção da imago-imagem e suas correlações com as analógicas são sintomas que podem ser atualizados ou recalcados; a experiência histórica-técnica e a possibilidade de resistência do sujeito que a convoca é que vai determinar a amplitude e natureza de sua ação.

Constitui-se num termo explicativo e elucidativo neste artigo e deve ser compreendida, em termos benjaminianos,

[as] moments of the past contain an internal dynamic of meaning that when blasted out of the continuum of homogeneous and empty time attain new meaning in a later time.<sup>12</sup> (GOEBEL, 2009)

Assim, esta idéia ancorou a análise de alguns temas *actuais* aqui presentes e que demandam reflexões mais desaceleradas a partir das quais:

todo o questionamento do passado poderá necessariamente começar uma vez que a hermenêutica edificada no trabalho de Benjamin tem em sua origem o contexto e a intenção cultural e teórica que previne rápidas actualizações sem cair na mera projeção presenteísta das preocupações do passado.<sup>13</sup> (GOEBEL, 2009)

Sem a armadilha da mera transferência de interpretações entre tempos, a partir do cuidado na leitura do arcabouço teórico de Warburg e Benjamin assim como de outros teóricos aqui, vivos e presentes, o escavamento quase arqueológico do passado em direção a um levantamento de camadas e sedimentos com possibilidades

---

<sup>12</sup>como momentos do passado que contém uma dinâmica interna de significado que, quando arrancada do continuum do tempo homogêneo e vazio, atinge um novo significado num tempo posterior. Tradução minha.

<sup>13</sup> Tradução minha.

analíticas da lógica de funcionamento do presente amalgamado de real e virtual, se fundamenta num dos pilares fundadores deste estudo.

Este caminho poderá se fazer de maneira inversa, porque não há necessidade de apontar quem vem primeiro: a imagem ou a sua representação como a forma ou o espelhamento do homem em sua constituição identitária.

Mais importante, como vimos, é sua viagem ancestral pelos caminhos do humano a se *atualizar* nas mais variadas facetas de nossa vida.

\*\*\*

“Dando um google” na expressão *não existe olhar inocente* não consigo visualizar o autor desta expressão. Não deveria ser no Google o caminho de uma procura acadêmica, no entanto, como indício de um detalhe que nos fala do conhecimento da vida e da história apreendido em seu sentido hipermoderno, jaz aqui a dúvida de sua autoria. Seria Gombrich, importante historiador da arte e discípulo de Warburg o qual me será referência também extra internética importante? Seria atribuída a uma obra de Nelson Rodrigues, tal expressão assaz rodriguiana? A mistura barroca que encontro na imbricação dos mundos pelos quais vivemos *atualmente* nos leva a novas interpretações e conhecimentos que por si só já nos devolvem a autoria desta afirmação.<sup>14</sup>

Todo olhar já nos vem comprometido. E as novas imagens não deixam de fazer parte deste interessante cadinho simbólico, cultural-internético.

## Referências

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

---

<sup>14</sup> Após um intervalo de tempo, encontro analogicamente no livro de Teresinha Losada, “A Interpretação da imagem: subsídios para o ensino de arte”, 2011, editora Mauad, a autoria de tal idéia. Foi mesmo Ernst Gombrich...



DIDI-HUBERMAN, G. *L' Image survivante: histoire de l'art et temps des fantomes Selon Aby Warburg*. Paris: Minuit, 2002.

FERNÁNDEZ, M. *Museu do romance da eterna*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume Editora, 2008.

GOEBEL, R.J. Introduction: Benjamin's actuality in GOEBEL, R.J. (org.), *A companion to the works of Walter Benjamin*. Rochester, NY: Boydell & Brewer-Camden House, 2009.

GUERREIRO, A. (s/d) Enciclopédia e Hipertexto. Aby Warburg e os arquivos de memória. Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/aguerreiro-pwarburg/>>, acesso em 01.mar.2010.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.

LEBRUN, Gerard. O conceito de paixão. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: FUNARTE/Companhia das Letras, 1987.

LIPOVESTSKY, G. & CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOPES, D. *Nós os mortos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.